

Com uma grande vénia a **A BOLA** e a **Vítor Serpa**, guardamos no nosso baú o recorte do artigo publicado em 21 de novembro de 2015 sobre o professor **José Esteves**, professor fundador do Liceu de Oeiras, que tantas marcas e saudades deixou nos que tiveram a sorte de privar com ele ou ser seus alunos.

Sábado  
21 de novembro de 2015  
**A BOLA**

**OPINIÃO**

47

vserpa@abola.pt

Porque hoje é sábado



## Elogio do Homem que não amava 'derbies'

Sábado  
21 de novembro de 2015

**A BOLA**

vserpa@abola.pt



por  
**VÍTOR SERPA**

**Este não é um país  
para velhos,  
mesmo que ilustres.  
Muito menos um país  
para desalinha-  
dos,  
mesmo que luminosos**

**H**OJE há derby e eu quero falar-vos do professor José Esteves. Parece uma provocação. E podem crer que é. Uma provocação deliciosa, conhecendo-se o pensamento daquele que terá sido um dos maiores ideólogos do desporto português no século XX, que, esta semana, morreu, nonagenário, no esquecimento próprio de um país sem memória e sem tradição no elogio dos grandes Homens que decidiram, por opção, viver as suas vidas, escrever as suas obras e articular os seus pensamentos de uma forma discreta, longe do ruído mediático, longe da vulgaridade vigente.

Figura central de uma corrente idealista que colocava a educação física no centro das prioridades educativas do povo português, José Esteves (nascido em 1919) foi um persistente opositor ao regime do estado novo. Participou ativamente na tese sobre a promoção desportiva nacional, apresentada no congresso da oposição democrática, em Aveiro, em 1973, e tendo sido, sempre, um crítico do desporto profissionalizado, que considerava um dos responsáveis pelo adormecimento político e social do povo português, esteve na equipa técnica de José Maria Pedroto, e, com David Sequerra, na vitória portuguesa no torneio internacional júnior, da UEFA, precursor do atual Campeonato da Europa.

Foi secretário técnico do basquetebol do Benfica, teve, por isso, relação direta e concreta com o desporto de competição, mas sempre afirmou trocar qualquer medalha olímpica pela promoção desportiva de uma centena de jovens.

José Esteves foi um grande amigo de **A BOLA**, onde escreveu crónicas notáveis, algumas, em forma de carta. Ficaram célebres os seus pensamentos sobre o desporto no país e a educação física nas escolas em históricas entrevistas, quase sempre concedidas a Carlos Miranda, seu especial amigo e, muito provavelmente, o jornalista que melhor o compreendeu.

A obra de José Esteves é admirável. Em especial o seu livro de culto: *O desporto e as estruturas sociais*, escrito e publicado no final dos anos sessenta. Foi uma pedrada no charco. Um livro pujante, irreverente, perturbador e desafiador do poder.

Já depois do 25 de Abril, José Esteves acrescentou novos capítulos a essa obra notável. Entre eles figurava a inauguração do estádio



Obra de José Esteves é admirável

nacional, com o célebre texto sa-lazarista em que se afirmava, com despudor, nem sequer existir futebol na União Soviética.

José Esteves tornar-se-ia, porém, um acérrimo crítico da visão estatizante do desporto e afirmou-se, de forma mais firme e mais nítida, um livre pensador.

Durante toda a sua longa vida, nunca alterou aqueles que considerava serem conceitos fundadores de um pensamento muito próprio e, por isso, independente.

A segunda metade do século XX confirmaria a consolidação e desenvolvimento de um desporto profissional, virado para o espectáculo, a que José Esteves era totalmente avesso. Falando dos principais clubes de futebol, em Portugal, fez esta crítica: «as dificuldades monstruosas contraídas pelos clubes apenas exprimem toda a obsessão pelo resultado».

Começámos este texto, admitindo que, em dia de derby, o podíamos assumir como uma provocação. Caso ainda não tenha sido explícita, aqui vos deixo esta frase de José Esteves: «...a ambição da vitória é uma preocupação tanto mais acentuada quanto maiores forem as frustrações pessoais».

Ideólogo e sociólogo do desporto, José Esteves seria, num país mais reconhecido, um herói contemporâneo. Mas este não é um país para velhos, mesmo que ilustres. Muito menos para desalinha-dos, mesmo que luminosos.